

# O Guarani

JOSÉ DE ALENCAR



JOSÉ DE ALENCAR

# O Guarani

---

Primeira publicação: 1857  
Edição de domínio público

**JVA Editora**

J. DE ALENCAR

---

O  
**GUARANY**

**ROMANCE BRAZILEIRO**

---

QUINTA EDIÇÃO

---

TOMO PRIMEIRO

---

RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

PARIS.—E. MELLIER, 17, RUA SÉGUIER.

---

Ficção reservados os direitos de propriedade.

---

**1883**

---

## AO LEITOR

---

Publicando este livro em 1857, se disse ser aquella primeira edição uma prova typographica, que algum dia talvez o autor se dispuzesse a rever.

Esta nova edição devia dar satisfação do empenho, que a extrema benevolencia do publico ledor, tão minguido ainda, mudou em bem para divida de reconhecimento.

Mais do que podia fiou de si o autor. Relendo a obra depois de annos, achou elle tão mau e incorrecto quando escrevera, que para bem corrigir, fora mister escrever de novo. Para tanto lhe carece o tempo e sobra o tédio de um labor ingrato.

Cingio-se pois ás pequenas emendas que toleravão o plano da obra e o desalinho de um estylo não castigado.

---

# INDICE

## PRIMEIRA PARTE **OS AVENTUREIROS**

- I.—Scenario
- II.—Lealdade
- III.—A bandeira
- IV.—A Luta
- V.—Loura e morena
- VI.—A Volta
- VII.—A prece
- VIII.—Tres linhas
- IX.—Amor
- X.—Ao alvorecer
- XI.—No banho
- XII.—A onça
- XIII.—Revelação
- XIV.—A india
- XV.—Os tres

## SEGUNDA PARTE **PERY**

- I.—O Carmelita
- II.—Yara!
- III.—Genio do mal
- IV.—Cecy
- V.—Vilania

VI.—Nobreza

VII.—No precipicio

VIII.—O bracelete

IX.—Testamento

X.—Despedida

XI.—Travessura

XII.—As mensagens de Pery.

XIII.—Trama

XIV.—A chacara

Notas

---

**PRIMEIRA PARTE**  
**OS AVENTUREIROS**

---

## I SCENARIO

De um dos cabeços da *Serra dos Órgãos* desliza um fio d'agua que se dirige para norte, e engrossado com os mananciaes, que recebe no seu curso de dez leguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: soltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na varzea e embeber no Parahyba, que rola magestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-hia que vassallo e tributario desse rei das aguas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suzerano. Perde então a belleza selvatica; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltão contra os barcos e as canôas que resvalão sobre ellas: escravo submisso, soffre o latego do senhor.

Não é neste lugar que elle deve ser visto; sim tres ou quatro leguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indomito desta patria da liberdade.

Ahi, o *Paquequer* lança-se rapido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pello esparso pelas pontas de rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, fuge-lhe a terra; o soberbo rio recúa um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece n'uma linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vegetação nessas paragens ostentava outr'ora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendião ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capiteis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no scenario que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas magestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

No anno do graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio seculo, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior.

Entretanto, via-se á margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construida sobre uma eminencia, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.

A esplanada, sobre que estava assentado o edificio, formava um semicirculo irregular que teria quando muito cincoenta braças quadradas: do lado do norte havia uma especie de escada de lagedo feita metade pela natureza e metade pela arte.

Descendo dous ou tres dos largos degrãos de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construida sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se á beira do rio, que se curvava em seio gracioso; sombreado pelas grandes gameleiras e angelins que crescião ao longo das margens.

Ahi, ainda a industria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para crear meios de segurança e defeza.

De um e outro lado da escada seguião dous renques de arvores, que, alargando gradualmente, ião fechar como dous braços o seio